

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORA: PROF<sup>a</sup> LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO

PROF<sup>a</sup> MARIA ELIZA LINHARES BORGES

ENTREVISTADO: CHRISTOVAM MOURÃO

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 06/11/1990

### Entrevista - fita 2- lado A

LD: O senhor chegou ontem?

CM: Foi.

LD: Tem parentes aqui, não é?

CM: Eu tenho uma irmã, tem os sobrinhos.

LD: O senhor tem filhos, Christovam?

CM: Tenho, tenho um casal.

LD: [...]/

CM: Então o padre falou que ia resolver os problemas com o moço lá, para a gente deixar para a semana. Falei: não nós vamos colher o arroz amanhã, que foi resolvido em assembléia. Ele fala do crucifixo, por que que não pregava o crucifixo. Eu falei: não, vamos fazer o seguinte, vamos botar em votação, se a maioria quiser, o sindicato tem dinheiro, nós compramos o crucifixo. Na minha casa, eu não prego. Mas essa casa aqui não é minha. Então, eu chamei o pessoal, expliquei, tal e coisa. Falei: não, vamos botar em votação aqui, se a maioria quiser, tudo bem. Aqueles que for contra o crucifixo, que levanta a mão. E eu levantei a mão. Eu não sei se eles entenderam, todo mundo levantou a mão. Foi unânime. O padre saiu pisando feito doido. Depois, eu encontro com o padre

na rua, ele falou: você fez uma jogada suja. Eu falei: não, jogada política, suja, não. Se eu deixasse para você, como é que você iria fazer? Ué, eu ia ganhar a turma. Eu falei: pois é, eu não deixei. Então ficou sem o crucifixo. Eu quis mostrar para ele que o crucifixo não adiantava nada pelo seguinte: que lá na cadeia tem tanto inocente preso e Jesus está pregado lá na parede. No fórum, quanta injustiça que acontece lá e Jesus está lá. Aquilo não resolve nada, não, ué.

EB: Agora, seu Christovam, mesmo que o padre tivesse, vamos dizer assim, a tentativa de redirecionar o movimento, ou ter um controle mais ou menos informal do movimento, o senhor considera que a participação dele, a proximidade dele com as pessoas lá no sindicato era favorável para o movimento, ou você considera que ela mais atrapalhou o próprio movimento.

CM: Não, não atrapalhou, não. Pelo contrário. Foi muito boa a participação dele. E tinha essas falhas que a gente notava, não é? Que ele era vaidoso, ele queria aparecer e tal, e a gente não deixava. No caso desse aí, neutralizava ele, não é? Mas fora disso foi muito boa a participação dele. Ele ajudou bastante.

EB: E como que era a ajuda que ele dava?

CM: Ele esclarecia para o pessoal. O pessoal, às vezes a gente mostrava uma coisa lá, o camarada, a pessoa não acreditava na gente, ia lá, conversava com o padre, não...

EB: O que, por exemplo, o senhor lembra de algum fato que tivesse acontecido?

CM: Nos casos de..., desses contratos, por exemplo, verbal ou escrito, não é? Então a gente mostrava para eles que aquilo não tinha valor jurídico, por isso, isso e isso. Então o camarada não precisava, não devia pagar o arrendo e não precisava. Não, mas ele me põe na cadeia. Não, não põe por isso, tal, tal. Eles não acreditavam, corria lá e falava com o padre. Não, o Christovam falou, está certo.

LD: Então o padre tinha uma posição política ou ele era só um, ele era ligado a uma ala da igreja que era mais progressista, ou o padre..., ele era só um padre mesmo.

CM: Não, ele era político. Ele..., ninguém me tirava da cabeça que ele queria dar um pulo, ele queria ser candidato a deputado. Ele morreu de acidente [.....] e tal. Mas, para mim, eu acho que ele..., que era isso que ele queria.

LD: Mas ele era conservador, progressista, o que que ele era? Ele estava ali só para fazer uma base ou ele tinha uma convicção dos direitos dos trabalhadores? O que que era?

CM: Ele tinha..., ele era um camarada muito humano, não é? Ele era humano. Mas era vaidoso também. Eu não sei se ele era progressista..., ele era, tinha hora que ele progressista, outra hora, ele era reacionário. Então, a gente ficava assim..., com medo. Tinha hora que dava medo na gente, não é?

[- [.....]]

CM: Não sei. [.....] tinha contato com tanta gente. Eles não deixavam transparecer, não é? Às vezes até o..., estava conversando com um camarada sem saber o que que ele era.

EB: Agora, segundo um depoimento de um dos advogados dos proprietários rurais, que a gente esteve olhando, ele afirma que o padre disse na missa, num domingo, que o senhor e o senhor Sérgio Firmino, que a gente não consegue saber quem era, eram comunistas. Como que isso ressoava entre os posseiros, entre..., todas as pessoas que trabalhavam na área rural e que estavam no sindicato ou que estavam no sindicato ou que estavam fora do sindicato?

CM: Isso pegava mal. Pegava muito mal. Eu estava lá na praça, quando o padre, na hora da missa, à noite, de tarde. Ele falou que puseram uma carta anônima debaixo da casa..., da porta dele, chamando ele de comunista. Ele falou bravo, no alto falante da igreja, não é? Não, todo mundo sabe que eu não sou comunista. Comunista que tem aqui no Pium-í é o Christovam e o Sérgio.

EB: Quem era o Sérgio?

CM: Sérgio é aquele companheiro jornalista. Sérgio de Freitas Ferreira.

EB: Ele fala no Sérgio Firmino.

CM: Sérgio Firmino é..., porque o pai dele chamava Sérgio Firmino, então nós chamamos ele de Sérgio Firmino.

EB: Sei.

CM: Mas tinha esse negócio do padre Alberico, ele gostava de tirar responsabilidade, jogar nas costas dos outros. Fora disso, nosso relacionamento era muito bom.

EB: Agora, o comunismo, como que as pessoas... Essa palavra, como que ela ressoava para os associados do sindicato?

CM: Eles não gostavam, não. Não gostavam de jeito nenhum.

EB: Mas por quê?

CM: Porque [.....], eles aprenderam que o comunismo é tudo aquilo que o Roberto Freire falou, não é?, comia criança, era bandido. Comunista para eles era bandido, sinônimo de bandido.

EB: Agora, mesmo eles tendo essa visão do comunismo e sabendo, o padre tendo dito que o senhor era comunista, que o jornalista também era comunista, eles ainda..., ficavam no sindicato, eles não tinham receio?

CM: Ah, a própria prática desmentia o que eles sabiam, não é? Da maneira que eles sabiam. Então, na prática, eles viam que o negócio..., a maneira da gente agir e tal, correta e tal. Então, eles viam que não era aquilo que eles falavam.

LD: O partido sabia do trabalho que o senhor estava fazendo lá?

CM: De início, não. Só depois de formado o sindicato é que ficou sabendo.

LD: Não houve nenhuma influência do partido na idéia de fundação do sindicato?

CM: Não.

LD: E depois que o partido ficou sabendo? Ele mandou mais pessoas para lá ou eles sentavam e discutiam alguma coisa a respeito da política sindical do partido para a área rural com o senhor? Como é que foi?

CM: Toda..., toda a orientação política que eu precisava, eu procurava o partido, eles me orientavam. Tinha o Fabrício Soares, deve conhecer. O Fabrício Soares, ele já foi do partido também, ficou um tempo no partido, acho que foi na época do Juscelino. Mas ele, mesmo fora do partido, ele... Ele é de Pium-í também, não é? Ele dava assistência.

EB: Como advogado?

CM: Como advogado e sabendo que eu era comunista, não é? Ele era comunista. Só que ele não tinha..., tinha rompido com o PCB, não é?

LD: E nessa época, o senhor freqüentava reuniões do partido ou não? Era do partido mas não tinha contato.

CM: Não, o negócio meu era só Pium-í mesmo. Só Pium-í mesmo.

LD: Mas o partido sabia que o senhor estava em Pium-í, trabalhando.

CM: Sabia. Não, tinha..., de vez em quando, de vez em quando, não, era sempre, não é? Periodicamente ia..., levava assistência, não é? Ia lá discutir...

LD: E como que era isso da assistência? O que que era o partido levar assistência?

CM: Mostrar como que o partido estava agindo no Estado, na União, no mundo.

LD: [.....] fazer isso? Tinham pessoas que tinham essa tarefa? Como que era?

CM: Tinha, claro. O comitê estadual. Os elementos do comitê estadual que [.....].

EB: Quem que era essa pessoa do comitê estadual.

CM: Diversas pessoas. Cada vez vinha uma pessoa, não é?

EB: O senhor lembra do Elton Costa?

CM: [Silêncio]. Lembro.

EB: //O senhor lembra...//

CM: [.....]

EB: Segundo consta, ele era o secretário do partido para Minas Gerais na área rural. E ele foi uma das pessoas responsáveis pela criação do bureau, que foi fundado aqui em Belo Horizonte, em 59, para a área rural. O senhor lembra se ele chegou a ir lá ou o senhor se encontrou com ele?

CM: Não, esse nome não me é estranho, eu sei que eu conheço, mas não sei de onde, não. Ele não foi a Pium-í, não.

EB: Agora, quando o senhor fala que eles iam levar essa assistência, que a assistência era para falar como que as coisas eram [.....], como que o partido agia no Estado, no Brasil e também no mundo, era para quem que era feito?

CM: Para nós. Só para o partido.

EB: Só para as pessoas do partido.//

LD: //Para o senhor e para o Sérgio.//

EB: // [.....] jornalista.//

CM: Só.

EB: E aí eram dados o quê? Diretrizes para..., para as ações no sindicato?

CM: Não, no sindicato, eles nunca intervieram diretamente, não. Eles opinavam, falavam: isso aí, você está meio radical, você afasta mais um pouco e tal. Ou entra mais nessa área, tal. Era só isso.

EB: O senhor tinha uma autonomia, então.

CM: Tinha autonomia.

LD: E o senhor vinha em reuniões de partido fora de Pium-í ou nunca?

CM: Vinha. Sempre, sempre que necessário, eu vinha.

LD: Que tipo de reunião eram essas?

CM: Do partido. Era só política. [.....].

EB: Agora, na região do Oeste tinham outras unidades, que tinham também sindicatos que foram criados nessa época, não é?

CM: Isso.

EB: Tinha Passos, não é?

CM: //Nós, eu ajudei.//

EB: //Lagoa da Prata.//

CM: Nós ajudamos a fundar o sindicato de Passos, de Lagoa da Prata. E eu tinha o nome do rapaz de Passos, queimaram. Foi quando o negócio apertou, 64, a filha do presidente do sindicato chegou lá em casa e falou: escuta, papai falou que está apertado lá, como é que ele vai fazer? Eu falei: olha, o negócio é o seguinte, eu estou levantando vôo. Onde é que o senhor vai? Eu falei assim: eu não sei, nem quero saber para onde seu pai vai, não. Que ele deve sair, deve. Depois de muito tempo lá, eu fiquei sabendo que a polícia pegou ele e sofreu muito. Sofreu muito nada, levou umas pancadas nele, não é.

EB: Mas ele era do partido?

CM: Não, ele era simpatizante.

EB: Sei. Esse sindicato da região, o único que era como membro do partido na diretoria era o senhor?

CM: Eu acho que era. Porque eu não conhecia os outros, não.

EB: Os outros, não.

CM: Não.

EB: E o senhor chegou a ter contato com a Liga Camponesa de Três Marias?

CM: Não, não.

EB: Que era da mesma época.

CM: Não. Nós..., lá em Três Marias foi fundado um sindicato também.

EB: É depois da Liga.

CM: Depois da Liga.

EB: //[.....] na liga...//

CM: //Veio depois da Liga.//

EB: O Julião esteve lá e tudo. o senhor não chegou a estar com ele.

CM: Não, não.

EB: Porque o senhor tinha falado que tinha tido contato com Julião por carta.

CM: Por carta.

EB: E aí foi só esse o contato?

CM: Foi só esse o contato. Foi algumas cartas, não foi só uma, não. Depois, nós resolvemos partir para o sindicato, não é?, aí perdemos...

EB: E o sendo o senhor membro do sindicato, por que o senhor começou a se corresponder com o Julião e não com o partido?

CM: Com o Julião foi antes do sindicato.

EB: Ah, sim. Mas por que o senhor estabelece? Já havia uma relação muito estreita entre o partido e a Liga?

CM: Não, não havia, não, porque a gente via falar só nas ligas, não havia..., a gente não escutava falar em sindicato. Então foi isso que..., que tivemos curiosidade de conhecer o Julião mais de perto e tal.

EB: Mas o partido já tinha um movimento de [.....] sindicato há muitos anos, não é?

CM: Tinha. Mas aquilo lá era..., não, não saía do papel, não. Era só um embrião. Sindicato rural, não é?

EB: Hum, hum. Mas, por exemplo, a Utab já tinha sido criada, não é? No Triângulo Mineiro já tinha também a Utam, que era ligada à UTAB. E o partido tinha um trabalho antigo durante..., desde 51, criação de sindicato e tudo. No Oeste, o partido não tinha chegado ainda.

CM: Não tinha.

EB: O senhor é a primeira pessoa que leva o partido, vamos dizer, para a região do Oeste?

CM: É, eu acho que foi. Eu não conhecia a região.

EB: E esse..., o jornalista, o Sérgio, ele tinha esse jornal. O jornal era do partido ou o jornal era dele mesmo?

CM: O jornal era do pai, da família dele. Chamava "Alto do São Francisco". Ainda tem o jornal.

EB: Mas ele não utilizava o jornal como veículo do partido.

CM: Não, não utilizava, não.

EB: Embora.../

CM: De vez em quando saía uma nota nossa lá do..., movimento rural, não é?

EB: Sei.

CM: Mas do partido mesmo, não saía nada.

EB: Agora, eu tenho uma curiosidade, o seguinte: quando eu estava levantando os sindicatos rurais de Minas Gerais que conseguiram a carta - como chamava naquela época? -, a carta do reconhecimento do sindicato, todos os sindicatos da área do Oeste tiveram..., foram reconhecidos. Tinha a carta. E de Pium-í, não. O senhor se lembra por quê?

CM: A gente imagina, não é? [risos] Nós pelejamos, fizemos tudo, mas não conseguimos, não.

EB: Mas havia um..., ou seja, no governo João Goulart, havia uma abertura muito grande e um interesse inclusive muito grande para o reconhecimento do sindicato. Muitos sindicatos comunistas foram reconhecidos, tiveram essa carta. Por que será que em Pium-í não..., isso não ocorre?

CM: Não sei. Para falar a verdade, até hoje eu não fiquei sabendo.



EB: Porque vocês abrem o sindicato em 61, não é? E aí tinha um período para pedir o reconhecimento. Será que essa papelada não foi mandada ou...

CM: Não, nós fomos os primeiros. Isso aí, foi..., foi por intermédio do padre Lage. Eu entreguei em mãos para o padre Lage.

EB: Agora, o senhor acredita que essa carta pode ter desaparecido logo depois do movimento de 64 e que por isso não tenha saído no Ministério do Trabalho a relação de Pium-í junto com os outros [.....]?

CM: Não, sumir, eu acho que não iam sumir, não, porque a gente tinha protocolo que foi entregue, certo? E a gente sempre reclamava, está em andamento, em andamento e tal. Aí não... Em andamento até hoje.

EB: Sei. E depois ele foi recriado? O sindicato lá, mais tarde?

CM: Não, esse sindicato é o mesmo. Depois eles receberam a carta do...

EB: Do reconhecimento.

CM: De reconhecimento.

EB: Aí o senhor sabe, lembra que época que ele foi reconhecido?

CM: Não lembro, não. Deve ser em 67, 67 ou 68.

EB: Já na ditadura, não é? Hum, hum. E aí o senhor não estava mais ali.

CM: Não, não estava.

EB: Bom, eu queria que o senhor falasse um pouquinho mais sobre a visita do padre Lage lá em Pium-í, o que o senhor se lembra. Assim, como é que foi? Porque ele é que dá a idéia da criação do sindicato. Depois ele volta lá outras vezes?

CM: Volta. Ele voltou lá duas vezes. A nossa relação era aqui, em Belo Horizonte, não é?, vinha sempre aqui. Na criação da..., [FETAEMG] eu fui segundo secretário da primeira diretoria. Ele queria me botar na presidência, eu falei que não podia por causa do movimento lá e tal. Ele falou assim: ó, eu não estou enganado com você, não. Tinha um..., um jornal nosso, Novos Rumos, na... não lembro, rua Carijós?...

EB: É no edifício Acaiaca, não é?

CM: Não, não era no Acaiaca, não. Ou era?

EB: É, parece que era no edifício Acaiaca, no quarto andar, uma sala lá do Novos Rumos.

CM: Gente, olha só, não...

EB: Não sei.

CM: Não.

EB: //Não sei, mas parece que é da [.....] ou que ainda não era nessa época.//

CM: A FETAEMG?

EB: Não, o jornal.

CM: O jornal? Eu acho que era sim. Então, tinha, de um lado tinha o nosso jornal e na frente tinha uma biblioteca católica, ficava sempre cheio de padres ali. Aí o padre Lage falou assim: olha, eu estou te procurando, estou te propondo aí, eu não estou enganado com você, não. Porque eu te conheço você lá do Novos Rumos. Você é do PC. Falei: está bom. E a turma, a turma do PC tinha um negócio contra o padre Lage, entende? Olha, esse homem é perigoso e tal. Falei: gente, mas, como é que nós vamos fazer? Então, a relação que eu tinha com o padre Lage, a gente conversava, conversava de tudo, tal e coisa. Eu vi que ele era marxista, certo? Se ele era filiado em algum partido, eu não sei. Mas marxista ele era. Teve uma vez que eu estava defendendo um rapaz lá em Pium-í, chama [.....], ele era de [.....]. Nós estávamos discutindo lá, falei, não, padre, o rapaz é bom, um cara revolucionário, família de latifundiário. Ele falou: não, Christovam, você não conhece, esse menino aí é um bobo. É comunista católico. E não existe, na época, eles não aceitavam, não é. Ou o cara é comunista ou é católico. E esse cara é católico, ele não é comunista, não. Ele é um bobo. Quando ele formar, você vai ver. E foi verdade, depois que ele formou e tal, um dia encontrei com ele, falei: como é? Esperando oportunidade. Espera oportunidade é oportunista. Você lembra do padre Lage? É, tal.

EB: Mas por que o padre achava ele [.....]?

CM: Eu acho que ele o conhecia. Eu acho que ele o conhecia. Então, ele..., ele mostrava, ele era marxista mesmo. E..., ele mostrou que quando ele me escolheu, ele me conhecia do partido, tal, tal, na..., ainda era na [FETAEMG], então tinha um pessoal..., que ele conhecia a moçada toda. Eu dizia: pessoal, esse camarada aí merece confiança, não é do PC, mas ele merece confiança. Esse outro ali é perigoso. O padre lá da cidade dele é isso, isso, isso. Você percebia a honestidade dele, não é? Eu tinha uma cisma para ele.

EB: Agora, quando ele foi a Pium-í, os proprietários tiveram alguma reação? O senhor se lembra?

CM: Não, não. A reação, a reação que eles tiveram é aquela reação, assim, de desconfiança, não é? Ficava..., a gente passava na rua assim, eles ficavam..., reunia durante o dia e tal, eles ficavam olhando assim, de meia esquina, não é? Desconfiança. Mas não houve agressão, não...

EB: E ele chegou a participar de alguma assembléia do sindicato ou não?

CM: Não, não participou, não.

EB: Quantas vezes ele foi a Pium-í?

CM: Foi duas vezes. Duas vezes. Nessa época, não é? Agora, ele voltou lá nas eleições municipais e esteve lá no comício do PT... Eu até achei interessante, porque o padre atual lá é do PT. Chama Tonhão. Tudo jovem ali da região. Estava lá o Tonhão com o padre de Capitólio, um padre de Pimenta. Eles estavam sentados. O nosso palanque era num caminhão. Então, eu subi lá, conversei com o padre Lage, tal, tal. E ele estava sozinho. Estava desprezado. Voltei, falei: Tonhão, padre Lage fica aí, rapaz, você está deixando ele lá sozinho. Ele falou: ele é comunista, vai lá tomar conta dele. Eu falei: não, não precisa ninguém tomar conta, não, é dar assistência. Na minha parte, eu já fiz, como comunista. Mas ele não veio a convite do Partido Comunista, não, veio a convite do PT. Aí deixaram o homem lá, sozinho.

EB: Agora, a [SUPRA] entra quando, seu Christovam? No movimento em Pium-í?

CM: Entra nessa época mesmo, que eu tinha contato com o padre Lage. O padre Lage, ele era presidente da comissão de sindicalização nacional.

EB: É. Da [CONSIR] não é? Da nova. É. É Comissão Nacional de Sindicalização Rural. Não é? Ele é quase que uma [.....] direta do..., do governo da República. E a [SUPRA], ela tinha escritórios, não é?, estaduais. E aqui, uma das pessoas nos contou que ele era..., era o..., [.....], não é?/

EB: Só para a gente pegar um pouco a seqüência do próprio movimento em Pium-í, não é?, da criação do sindicato, a presença do padre Lage, depois essa reunião com 53 pessoas, do pântano, e esse crescimento que vai tendo do sindicato, crescimento numérico inclusive, e assim, o..., o clima que o senhor falou que tem, a participação desse vigário local. Em que momento que a [SUPRA] entra no movimento em Pium-í?

CM: Foi..., ela surgiu, o quê? Em 62?

EB: É.

CM: Então, foi assim que ela surgiu.

EB: Mas o senhor tem a lembrança, por exemplo, a visita de Antônio [.....] lá, ela teve alguma razão? Ele vai lá por alguma questão em especial ou...

CM: Não. Eu acho que ele não esteve lá em Pium-í, não.

EB: Ele não chegou a ir lá em Pium-í.

CM: Não, não.

EB: Então a Supra, na verdade, não chega, ou é uma representante, então.

CM: Ia lá o padre Lage, foi lá duas vezes, representando a [SUPRA]. E tinha advogados que a SUPRA... Não lembro o nome... [A SUPRA] aparecia para a gente em alguns casos que apareciam lá, não é? Então, por intermédio do doutor Lins designava lá advogado e ia.

EB: Sei. Lá tinha Junta de Conciliação em Pium-í?

CM: Não.

EB: Não?

CM: Tinha não.

EB: Não chegou a ter, nunca. E esses advogados, então, eles pegavam que tipo de causa?

CM: Ali era mais para informar, entende? Porque causa mesmo, nunca saiu. Ia lá orientar, informar.

EB: Sempre com relação a se a terra tinha proprietário ou não.

CM: É. Lógico. Acho que sim.

EB: Segundo consta de alguns documentos que a gente pegou, havia um tabelião que sabia que aquelas terras tinham donos, que ele mesmo tinha feito a escritura, e que ele incentivava as pessoas a desconhecer a existência dessas escrituras, dizendo que as terras não tinham escrituras. Qual que foi a participação desse tabelião no movimento?

CM: Não tenho esse conhecimento, não.

EB: Não, não é?

CM: Não. Existia lá um camarada, ele é até parente meu, Orlando Cunha, ele tinha um cartório. Ele era... escrivão do crime. Ele tinha um cartório. Então, ele..., ele nos ajudou bastante, orientando e tal. Será que é esse?

EB: Não, eles não deram o nome dele, só disseram que ele era um tabelião e que ele ajudou a insuflar. Esse é um pouco o relato do advogado do proprietários, não é? E ele dá esse relato.

CM: Então, é..., deve ser o Orlando mesmo, porque ele esteve, em 64, ele foi chamado, ele respondeu [.....] sobre isso. Deve ser ele.

EB: Agora, ele tinha alguma ligação com o sindicato?

CM: Não. Ele era fora, não é?

EB: Mas vocês buscavam ajuda dele quando as coisas...

CM: Buscava. Sem dúvida nenhuma.

EB: E que outro tipo de apoio o sindicato tinha dentro de Pium-í, além do vigário, além do jornalista e além desse tabelião?

CM: Tinha alguns elementos da UDN, a velha UDN, aquele ranço, contra o PSD, que a maioria dos fazendeiros era do PSD. Então tinha inclusive um cunhado, chamava doutor Oscar Machado, é bandido. Bandido, mas era contra o PSD. Ele fez um trabalho muito bem feito sobre o pântano, é..., parecer jurídico. Tinha oito folhas de papel. Ele estava mostrando lá o histórico do..., do pântano, que aquilo era milenar, não tinha dono, tá-tá. E eu perdi esse documento. Eu não sei se perdi ou se foi roubado. Eu não podia ter perdido. Então, a gente aproveitava, não é? Era inimigo dos inimigos maiores, não é?

EB: Ele era da UDN.

CM: Porque ele era da UDN, chefe político, não é?

EB: A UDN, naquela época, ela tinha uma proposta de reforma agrária. Eles defendiam, na verdade, a criação de uma espécie de classe média para o campo, que eles consideravam isso um elemento, uma coisa moderna, porque eles tinham [.....] Estados Unidos, de criar uma pequena classe média no campo. E por aí, eles defenderam, durante muito tempo, uma certa visão de reforma agrária. O senhor acha que o trabalho deles teria ido, por esse caminho? Eles tentariam criar..., proprietários rurais, pequenos proprietários rurais no campo, vendo aí uma possibilidade de modernizar o campo? Porque a UDN tinha um

pouco essa idéia de que o campo era atrasado, mas que se tivesse muitas pequenas propriedades, ela poderia vir a se modernizar. O senhor chegou a debater com eles sobre esse assunto?

CM: Debatia sim. E no caso dele não era esse, não. O negócio deles era só a..., a inimizade política. É inimizade mesmo. Porque lá o negócio é um ranço, não é? Então, como a gente estava o pessoal do PSD estava brigando com a gente, então eles aproveitaram, uniu com a gente para brigar com eles.

EB: Agora, essa união era uma união formal?

CM: Não, era informal. A gente precisava de advogado, assim, de repente, tal, procurava. Eu mesmo mandava procurar ele, ele..., para orientar, certo? Se fosse para pegar uma causa, ele cobrava e cobrava caro.

EB: [riso].

CM: Então, ele orientava. Ajudava, muito pouco, mas ajudava. E era só porque o pessoal era PSD.

EB: E a população da cidade, como que ela via o sindicato?

CM: A população delirava com o sindicato. Não tem... São duas classes, é fazendeiro e comércio. Não, são três, e os bóias-frias. Então, a população da cidade delirava com o sindicato. Ajudava, fazia o que podia.

EB: E tinha, assim, [.....] indústria, naquela região, naquela época não tinha nenhum... Por exemplo, o movimento operário urbano, não havia sindicatos urbanos?

CM: Não. Não havia. A classe operária também era muito pequena.

EB: Como é que, de que que eles viviam, o senhor lembra, na época?

CM: Não, eu costumo dizer que eu não acredito em milagre. [.....] tem que saber como é que vive aquele pessoal lá, porque não dá para ver, não é? Porque o latifundiário, a economia agropecuária, aquele pessoal não gasta em cidade. Quando eles vão comprar, eles compram fora, que é mais barato e tal. Agora, como o que faz para movimentar aquela cidade, eu não sei como que é.

EB: Não tem indústria...

CM: Não tem indústria.

EB: Não tem nada lá.

CM: Agora, explica agora, porque tem o café. Tem os bóias-frias.

EB: Naquela época não tinha o café?

CM: Não, não tinha. Era muito pouco.

EB: Então lá eram propriedades que plantavam o quê, além dos... Tinha o gado. Basicamente.

CM: É. Ali, cada um plantava um pedacinho para comer, não é? Só para comer, não era para vender, não.

EB: E as fazendas eram fazendas de pecuária.

CM: De pecuária.

EB: E a terra é boa lá, para a pecuária?

CM: Não, tem uns pedaços só. Agora, no pântano, todo ele é bom, não é? Você tem uma renda de 90 alqueires por um. Você planta um alqueire de arroz, você colhe 40. É muita coisa.

EB: Seu Christovam, quer dizer que muitas pessoas que foram para o pântano, e que depois fizeram parte do sindicato, talvez tivessem tido experiência também com a pecuária, trabalhando em fazendas de pecuária?

CM: Depois do movimento?

EB: Ou antes do movimento.

CM: Não, até que o pião de lá, ele é trabalhador da agropecuária. Ele tanto trabalha na pecuária quanto.../

**FIM DO LADO A DA FITA 2**

Entrevista - fita 2- lado B

EB: ... luta no sentido corporal. Mas, do movimento, como é que ele vai crescendo e como que começa a reação dos proprietários. Depois voltar um pouco na criação da FETAEMG e da [.....]. Pegar essa parte aí. E o que mais o senhor achar que é importante para alguém que resolva pesquisar Pium-í, tem que saber, independente do que nós, aqui, estamos querendo saber, mas, assim, alguém que uma hora - o próprio [.....], eu creio que um dia vai pesquisar esse movimento todo lá, todo tipo de informação que o senhor tiver, uma lembrança, ir colocando para a gente.

CM: É, pode aparecer no meio da conversa, porque minha cabeça está muito...

EB: É. Nós vamos... O senhor estava achando que estava bem, ou a gente está puxando...

CM: Não, não está, não. O negócio é defeito meu mesmo.

EB: Não, estou dizendo assim: o senhor está achando que está bom? A gente está fazendo as perguntas, está ajudando o senhor a lembrar, não é?, as coisas.

CM: É.

EB: Então é isso. Quem sabe a gente podia começar, agora, essa parte da fita, já vendo o próprio crescimento do movimento e a reação dos proprietários rurais na cidade, como é que se dá. Se isso vai extrapolar Pium-í, quem que vai para lá [.....] junto ao Magalhães Pinto, que na época era o governador. Essa parte aí.

CM: Escuta, aquele negócio... está gravando? Aquele negócio dos jornais, você não achou, não? "Novos Rumos", "Estado de Minas", "Diário de Minas", da época. Achou alguma coisa? "Diário Católico"?

EB: "Lar Católico"?

CM: Não, "Lar Católico", não. "Diário de Minas". É "Diário de Minas. Nós chamamos [.....] "Diário de católico", acho que era dos padres, não é, não?

EB: "Diário de Minas"? Não, não era. Ele era meio como "Estado de Minas", mesmo.



CM: Eu não sei como que era o jornal, não. O jornal, o nome dele não era Católico, a gente falava católico porque era dos padres. Nesse também saiu diversas coisas.

EB: Publicado.

CM: Publicado.

EB: E..., me deu um branco, agora. Como que chamava aquele jornal da esquerda. O "Binômio". É. O senhor lembra se foram jornalistas a Pium-í, jornalistas de Belo Horizonte? Para fazer notícias do movimento.

CM: Eu lembro do nome, mas não lembro de ter ido alguém.

EB: As notícias que chegavam em Belo Horizonte, em relação a Pium-í, elas chegavam como?

CM: Geralmente era dos fazendeiros, não é? Era sempre denúncia, não é?

EB: Sei. Que tipo de denúncia eles faziam contra o movimento lá?

CM: Falavam que nós éramos desordeiros, que nós éramos invasores de terra, essas coisas mais... Nos colocavam como bandidos, não é?

EB: E lá chegou a haver invasão de terras?

CM: Não, nunca houve invasão de terra, porque a terra que a gente estava ocupando, a terra estava provada que era terra da União. Nós não entramos em terra particular de ninguém, não.

EB: Agora, como eles diziam que eram donos, que aquela terra tinha dono, tinha os proprietários, eles consideraram então a presença de vocês lá, depois do rompimento do contrato de arrendamento da terra, eles consideraram isso invasão?

CM: Invasão.

EB: Isso foi considerado uma invasão de terra.

CM: Considerado.

EB: Mas com vocês já lá dentro. Ou seja, não era uma fazenda que estivesse desocupada e que alguém tivesse entrado lá dentro.

CM: Não, não. Invasão não houve, não. Invasão, invade uma coisa particular, não é? Mas lá não era particular, ali era da União. Não tinha dono. Não tem ainda. Eles têm documentos, mas os documentos não têm procedência.

EB: É porque o advogado [.....], ele chega a declarar na CPI e ele leva lá, segundo ele, 98 escrituras de terras que eram 15 hectares de cada proprietário. Que na verdade, aquela região do pântano era de 4 mil hectares, então tinha duzentos proprietários lá. E que aí os trabalhadores que arrendavam para produção do arroz, passaram a não reconhecer mais a propriedade da terra e, com isso, foi caracterizada uma invasão. E aí ele vai falando desde o início da República, que ele diz que em 1894 é quando tem o primeiro dono ali, que teve uma escritura daquela terra e tudo. E..., e antes do sindicato ser criado, as pessoas, quando faziam contrato de trabalho, elas reconheciam que aquela terra tinha um proprietário.

CM: Sem dúvida. Mas eles não tinham conhecimento da coisa, não é? Então, o fazendeiro era grande, ele tinha dinheiro, tinha carro, tal, o camarada ficava com medo. Olha, você está plantando na minha terra. Concordaram em fazer contrato. Concordaram. Agora, esse que você está falando aí que demonstrou que eram quantos hectares?

EB: Eram 15 hectares de cada.

CM: Para cada um. Quantos proprietários?

EB: Duzentos proprietários.

CM: Duzentos proprietários.

EB: Dá 4 mil hectares, não é?

CM: [.....]. E ele não explicou como que era a divisa, não, onde é que mostrava a divisa?

EB: É. Ele leva na CPI essas escrituras, e as divisas citavam, por exemplo, margens de rio, citava, por exemplo, o pau de ipê, então fulano tem a propriedade desse pau de ipê até o rio tal. Eram essas as escrituras. E as escrituras da década de 20, de 30, de 40. E tem essa que é de 1894. Então, ele era, como advogado, ele reuniu essas escrituras. E por isso que ele dizia que tinha um tabelião que sabia da..., vamos dizer, da procedência, da existência dessas escrituras, sabia que as terras tinham donos, mas dizia para os trabalhadores e dizia também nos sindicatos, que eles poderiam entrar e ficar porque ali não tinha dono. Então, eles acusam muito esse escrivão como sendo uma pessoa que estava ali para insuflar...

CM: É, e foi [.....]. Deve ser o Orlando. Mas eu vi algumas escrituras, então, a escritura que eu vi estava falando que a divisa era nas águas do rio. Então, a água... com a drenagem do rio, aquela água veio para cá, não é? Trouxeram a divisa, certo?

EB: É.

CM: Mas como a divisa era aqui, então o terreno dele tinha um tamanho, tamanho..., vamos botar de dez alqueires. Está escrito na escritura, dez alqueires. Mas veio para cá, aumentou para 150 alqueires. Mas na escrita, na escritura não fala 150 alqueires.

EB: Certo. Então eles têm escritura de parte do terreno.

CM: Tem. Da terra seca.

EB: É. O senhor, logo no início da entrevista tinha falado que ali eram 13 mil hectares, não é?

CM: São 30 mil hectares..., 33 mil hectares.

EB: 33 mil hectares. Mas esses 33 mil hectares, eles pegam a parte antiga e a que foi drenada, que o rio..., que o rio foi afastado.

CM: Era todo o Banhado. Todo o Banhado, são 33 mil hectares. Hoje não tem..., hoje tem um pedacinho muito pequeno ali, que o dreno não chegou lá, coisinha à toa. Agora, esses 33 mil hectares para 4 mil é muita diferença, não é?

EB: É. Por isso é que eu estou pedindo para falar mais sobre isso aí, porque a diferença é muito grande.

CM: Muito grande.

EB: O que eles alegam é que havia 4 mil hectares que estavam sendo ocupados por pessoas que tinham invadido a terra, praticamente. Depois que já estavam lá. A invasão é uma invasão que eles caracterizam de uma maneira diferente. Não é? As terras estavam vazias, as pessoas que estavam trabalhando, não fez o contrato de trabalho, nesse espaço de 4 mil hectares. E o senhor calcula que essas 150 famílias que estavam trabalhando lá, que depois se associam, entram para o sindicato, ocupavam que área, mais ou menos?

CM: Ah, não tenho...

EB: Só uma idéia, assim. Só para a gente ter uma idéia.

CM: O terreno, um homem sozinho, para trabalhar um alqueire de chão, ele não dá conta, não é? Agora, no pântano, ele dá muito mais trabalho. Vamos botar lá meio alqueire por pessoa, 150 pessoas, 75 alqueires.

EB: Seria em torno disso, não é?

CM: Em torno disso.

EB: Seu Christovam, e aí? Como é que a coisa começou a ficar feia mesmo, que ela chega aos jornais, não é?

CM: Na..., no primeiro ano, depois da criação do sindicato, então os associados não pagavam o arrendo que o fazendeiro cobrava. Então, por intermédio do advogado deles lá, que é o [.....] José da Silva... Esse sim, esse é agitador. Sempre foi, é. Então, eles foram na justiça e pediram ao juiz para apreender essa parte litigiosa para depois discutir na justiça de quem era esse arroz. Então, eu falei, fui à assembléia também e mostrei para eles que - eles perguntaram: o que que deve fazer? Falei: bom, aí, o negócio aí, nós vamos deixar para cada um resolver o seu. Porque o meu arroz não será preso, porque não vou entregar. Não vou entregar. Agora, aquele que não quiser entregar, então vai ter um..., vai ter o aval do sindicato. Então muitos, muitos entregaram. Porque ficavam com medo. Com medo da briga e tal, entregaram. Mas aquela parte, claro, nunca foi discutida. Aquela parte ficou com os fazendeiros mesmo. Então, aqueles que não queriam entregar, não entregaram. Chegava polícia, chegava o [.....] e tal, não é, entrego, não leva. A gente colhia, o pessoal colhia, batia, ensacava e trazia até na casa do companheiro.

EB: Ah, ele guardava em casa.

CM: Guardava. Guardava, outros guardavam na máquina. Outros já vendiam.

EB: E a máquina era de quem?

CM: De particulares.

EB: E eles concordavam de ficar lá estocado esse arroz?

CM: Ah, eles achavam bom. Eles tinham preferência na compra, não é? Pagavam o preço que eles queriam. Então, esse problema..., aí ficaram, ficaram com cuidado, não é? Porque não estava recebendo a parte do arroz e tal. E nós lutando mais e buscando mais gente, não é? Comigo foi no..., três, quatro anos depois, eu recebi a intimação para entregar a parte [.....]. Eu fui na casa do Laurentino, foi..., esse camarada que é o..., que assassinou dois companheiros nossos lá. O filho dele que assassinou. Eu cheguei lá e falei: o Tino, você mandou apreender meu arroz. Mande. Estou fazendo isso com todo mundo. Falei: não, o meu não vai ser, não. Não, vai sim. Eu falei: não, não vai, não, porque meu arroz está colhido, está prontinho, amanhã eu vou buscar. Eu vou despejar ele todinho aqui na sua porta. Não vai ser só a sua parte, não. Às nove horas da manhã, esse arroz está aqui na porta. Então, você veja bem que hora que você tem arroz para

comer. À uma hora já tem arroz limpo, com duas horas já tem arroz colhido. A sua família, qualquer um come do meu arroz, mas você não. Você não vai comer. Aí o filho dele, esse que é assassino: você está ameaçando meu pai. Eu falei: não, rapaz, eu estou conversando sério. Não estou brigando, não. Na hora que ele me chamou para entrar lá, eu falei: o que isso, como é que eu vou entrar na sua casa? Você é bandido, não misturo com bandido, não. E está avisado, amanhã, até às nove horas, você ainda vive, viu? Ele falou: pára de fazer ameaça. Mas eu ameacei para valer, não foi para brincar, não. Aí passei lá em casa, tomei rumo, foi lá em casa buscar o papel, a intimação, tal. O que que houve? Não, o Tino foi lá e retirou a queixa. Acabou. Aí eu mostrei para os companheiros mais chegados, não é? Falei: ó, não adianta ficar com medo, porque vai acontecer isso, o negócio é botar para atrás mesmo. Uns queriam continuar, outros ficavam com mais medo ainda, certo? Eu sei que eu trabalhei lá, plantei sete anos, colhi e do meu arroz ele não comeu.

EB: Agora, essa maneira do senhor, por exemplo, de ir pessoalmente na casa do fazendeiro, era uma..., uma tática de luta do sindicato? Ou...

CM: Não, isso aí foi inteiramente pessoal.

EB: Mas o senhor fazia isso quase como um exemplo para mostrar para os outros que eles não deveriam retirar a causa da justiça...

CM: Ah, servia para isso, mas eu não pensei nisso.

EB: Sei.

CM: Mas serviu, sim. Mas eu não pensei. Na hora, eu fiquei com raiva, porque eu já tinha falado que do meu arroz ele não comia. E eu tenho esse negócio comigo, eu penso demais para falar. O dia que eu deixar de cumprir aquilo que eu falei..., aí não tem mais por quê viver. Então aconteceu aquilo, falei: é, chegou a hora, não é? Eu fui, ameacei para valer mesmo. Se ele pegasse o meu arroz, até nove horas ele não vivia, não.

EB: Hum, hum. E até esse momento, então, a questão entre os proprietários e os plantadores do pântano era uma questão que estava correndo primeiro, na base da discussão, entre eles e tudo, ou, e depois, entre o sindicato e a justiça?

CM: Sindicato e a justiça?

EB: É.

CM: Não, era eles e a justiça. O sindicato simplesmente entrava para ver se amainava, mais nada, não é? Depois, ali não dava, não, porque o negócio é o seguinte: o juiz despachava sempre a favor deles. Essa parte do arroz que ficava lá apreendido era para discutir posteriormente. Mas nunca houve discussão.

EB: Sei.

CM: Certo?

EB: Então esse arroz era apreendido, mas na verdade ele voltava às mãos do proprietário.

CM: Voltava à mão do proprietário. Alguns lá, nós..., nós entramos com advogado para ver como é que ia ficar, tal, não, ele mandou esperar, que não era a hora.

EB: E o senhor falou em mortes lá, que o filho desse advogado, que ele era?

CM: Não.

EB: Era só o delegado. Matou o companheiro de vocês. Depois, como é que acontece essa morte?

CM: O rapaz foi colher o arroz..., mas isso aí já não era bem da questão do sindicato, não. Esse rapaz, antes do sindicato, ele já tinha questão, negócio de terra. Mas era terreno seco, não era no pântano, não. Então, como o negócio estava na demanda, o Tinho entrou para cá e esse rapaz entrou também. Mas a demanda era em cima da terra seca. Então o outro também se achava com direito de plantar no pântano. O brejo era dele, aquela parte era dele. O Tinho chegou e disse: não, isso aí é meu. E o rapaz foi colher o arroz, já tinha avisado para o Tino que não ia entregar, o filho dele chega lá na hora que estava batendo o arroz e matou, matou os dois.

EB: Na frente de várias pessoas?

CM: Na frente da turma lá. Tinha umas doze, quinze pessoas. Eles estavam almoçando, sentados. Também foi fraqueza do rapaz. O cara é inimigo, eu vou deixar ele chegar para lá, não é? Tem que falar de longe. O rapaz chegou e não conversou. Ele estava montado a cavalo e atirou de cima para baixo. Atirou na cabeça. Matou os dois. Foi covarde, covardia.

EB: E isso aí serviu..., motivou as pessoas a..., a ir à luta? Teve alguma repercussão?

CM: Teve.

EB: Que tipo de repercussão teve isso aí?

CM: Teve. Nada do enterro, no dia do enterro, quando trouxeram os rapazes mortos, então a cidade é pequena, todo mundo conhece, tal e coisa, ficou, a rua ficou cheia de gente. E não sei de onde partiu lá, que eles queriam incendiar a casa do Tinho, não é? O filho dele já tinha sumido. Quando eu soube, eu estava lá em cima, quando eu soube, eu vim correndo e cerquei a turma lá embaixo e falei que não era possível, não é? O pai dele era bandido, na verdade é bandido, mas tinha a mãe. A mãe não tinha culpa de nada, não, uai. Tinha s irmãos que também não tinham nada a ver com isso. Então, eu consegui conter. Muita gente me critica por isso, que eu devia ter deixado. É... Mas não podia. Achei que não estava certo, não é? Esse negócio de, paga os inocentes pelos pecadores, não está certo.

EB: Meio complicado.

CM: Meio complicado. Mas então a turma ficou mais animada, sabe? Ficou com raiva, não só desse fazendeiro como dos outros também, não é? Isso a gente já conversava antes, falava: gente, eles não fizeram nada porque não foi preciso para eles, mas eles têm condição, eles têm dinheiro, eles não têm coragem de matar mas tem dinheiro para pagar. De fato, o fazendeiro levava gente estranha para lá, sabe? Esse Tino era um deles. Tentou arrumar jagunço lá em Pium-í, mas não conseguiu. Ele buscou lá de Iguapé, de Pimenta, de outros lugares lá.

EB: E esses jagunços entravam no pântano, ameaçava as pessoas...

CM: Ameaçavam. Não trabalhavam. Só ali, passeavam armados. Eu expulsei dois deles lá. Um era do..., de um lugarejo daqui de Pimenta. Tinha uma família grande. E ele não trabalhava. Andava com um revólver do lado, [.....] do outro. Falei: ô, por que você não escolhe um pedaço aí para você plantar. Não, eu sou..., trabalho para o Tinho. Eu falei: não, aqui não cabe jagunço, não. Não, jagunço, não. Eu sou camarada do seu Tinho. Falei: que camarada, você é jagunço barato. Aqui não tem lugar para jagunço. Então ele viu que o negócio era sério mesmo e caiu fora. Ele arrumou outro lá de Iguapé, botou o rancho pertinho dele, pertinho do meu. O camarada também tinha família grande. As filhas dele trabalhavam, meninas pequenas. Mas ele não. Um dia, ele tentou abrir um dos meus ranchos lá e eu fiquei sabendo que era ele. Eu fui na casa dele e falei: ô Mário, você faz o seguinte, você muda daqui, você tem 24 horas para mudar, porque eu vou botar fogo no seu rancho. Estava ele com a família e tal. Falei para ele. Duas horas da

tarde, a polícia chega lá e me prende. Tinha dois soldados e um sargento. O sargento falou: deixa eu passar uma água na boca aqui. Não, pode ficar à vontade. Falei: senta aí, eu vou fazer um café. E ele sentou no girau, aonde que eu dormia, sentou em cima da carabina. Mas estava coberta, não é? Ele destampou e falou: isso aqui, arma é proibido e tal. Eu falei: mas é proibido a minha, sargento. Porque que vocês não falam com os fazendeiros? Porque eu só tenho uma, o Tinho tem seis. Ele carrega arma, eu tenho que me defender. Ele falou: não, mas você esconde melhor isso aí. Falei: está escondido, o senhor que sentou em cima dela. Aí me levaram para a delegacia.

EB: E qual a alegação que ele estava prendendo o senhor?

CM: Que eu ameacei o rapaz. Eu chego lá, o delegado era o doutor José Caran, hoje ele trabalha no governo. Você sabe que ameaça é crime? Sei. Como é que você ameaçou o Mário. Eu? Quê isso? Eu sei que [...], não posso, não é? Não, mas ele falou, [...] o senhor falou que vinha pegar o [...]. Falei: não, está com conversa. O delegado falou: mas tem testemunha. Eu falei: doutor, se tem testemunha, o senhor me fala logo, para que o senhor está me perguntando. Aí ele abriu a porta lá, saiu a mulher do Mário, os filhos. O senhor falou mesmo. Eu falei: mas e daí? Quem é que está falando? A mulher e o filho. Eles estão falando aqui e o que o homem mandou eles falarem. Mas ele era esperto. Então, mandou o homem embora, depois que discutimos bastante. Eu falei: e eu estou preso? Falou: não, você vai embora daqui a pouco. Passou um pedaço, ele me mandou embora e falou: você não volta para o pântano hoje, não. Mas eu tenho serviço lá, doutor. Não, mas você vai amanhã cedo. Ele me liberou, saí. Tinha a rua da minha casa, lá da delegacia a gente enxergava. Falei: se eu virar aqui, ele vai ver, não é? Então vou fazer de conta que vou para casa. Eu fui, cheguei lá em cima, encontrei com um colega, virei para ver, ele estava lá na janela. Quando eu cheguei em casa, na segunda rua, eu virei à direita, peguei uma condução e fui para o pântano. Já estava escurecendo, eu passei na casa do Mário, falei: Mário, olha o relógio aí para ver quanto tempo você tem. Eu vou queimar o rancho amanhã. Fui embora. Cinco horas da manhã, levantei. Encontrei com um colega, Zé [Branco], ele já sabia e disse: pode voltar que o Mário já foi embora. Eu acredito em você, mas vou chegar até lá. Cheguei lá, empurrei a porta, um negócio que eu não devia ter feito também, mas fim, estava escuro, peguei um pedacinho de pau, empurrei a porta assim, a porta abriu, chamei, ninguém atendeu. Eu entrei, não devia ter entrado. Ele podia estar atrás da porta lá e me acertar. Olhei, não



tinha ninguém. Ele tinha mudado mesmo. Eu ia queimar o rancho, falei: não, pode aparecer alguém precisando, não queimei, não. Só que o homem foi embora.

EB: Agora, seu Christovam, além dessas formas de pressão e ameaça privada, que os fazendeiros faziam, de colocar jagunço, não é?, criar um clima ruim ali dentro, é..., eles tinham outras formas para tentar retirar as pessoas de lá? Ou utilizaram de outras formas?

CM: Utilizaram. No início, eles utilizaram, mas não deu certo, não. Foi..., estive lá um capitão de polícia, eu não sei o nome dele, ele queimou diversos ranchos, inclusive um rancho que não era bem um rancho, era uma tapera dessa altura assim, sabe, de palha de arroz. Queimou coberta, queimou diversas coisas que tinha lá.

EB: De outras pessoas //também ele chegou a queimar?//

CM: //De outras pessoas.// Tinha ranchos bons lá, botou fogo. Muitos, a maioria ficou com medo e fugiu, foi embora. Aí, queimou aquilo e eu fiz um rancho novo. Depois fiz outro, eu tinha quatro ranchos. Mas eles fizeram tudo que estava na altura, não é?

EB: Agora, a associação rural..., lá tinha uma associação rural?

CM: Não tinha, não.

EB: Não tinha nenhuma. E..., porque a gente vê várias vezes nos jornais, que saiu aqui, é..., [.....] falar que era o presidente da [.....] aqui, que eles falavam que o problema de Pium-í, falavam da organização dos proprietários, que os proprietários estavam se organizando, tudo isso no jornal. O senhor se lembra quantos proprietários que estavam armados?

[- Não, eles falam [.....] da Associação Rural.]

EB: //Da associação rural.//

[- //rural.// Mas eles falam [.....].]

CM: Não, eles não tinham [.....] organizado, não, mas eles só andavam armados e tinha jagunço, não é?

EB: Agora, o jagunço, será que davam esses mil homens?

CM: Não, não dava, não.

EB: Era menos.

CM: Era menos. Se eles tivessem essa força, eles tinham medido força com a gente, é claro. Nós tínhamos um comitê de defesa, que foi formado aqui também... Como é que fala? Na base do voluntariado. Nós formamos lá um comitê de defesa, tinha 40 homens. E nós tínhamos 40 carabinas. Tinha munição com fartura. O negócio era sério, era para valer, não é?

EB: Isso que o senhor falou, nós, é do sindicato?

CM: Do sindicato. Bom, aí era..., não era do sindicato, não é? O sindicato não pode ter um negócio desses. [risos]. Era paralelo, eram elementos do sindicato. Então, o negócio era falado, explicado: gente, camarada que não quiser, que pensar na família, não entra, não, porque é para valer. Se o camarada fugir fica pior para ele, porque ele vai ter que fugir [.....] também. É um negócio sério, e era para valer mesmo. Agora, eles falavam... Eu vi, eu li sobre isso. Mil homens, não tinha nada disso. Eles não tinham força nenhuma. E nem moral. Eles estavam errados, e o que dá força para o homem, eu acho que é o direito, não é? E eles estavam errados, sabiam que estavam errados.

EB: E esses 40 homens, que vocês tinham, paralelo ao sindicato, isso era uma orientação do Partido Comunista?

CM: A orientação foi minha. O Partido sabia..., ficou sabendo, mas não orientou. Orientação minha. Nós tínhamos que ter alguma coisa, certo?

EB: E esses 40 homens chegaram a atuar em algum momento? Foi preciso?

CM: Não, não foi preciso, de atirar, não. Mas tinha..., nessa colheita que eu te falei, que o delegado falou que só entrava quando tivesse sangue, que o padre pediu para deixar que ia lá conversar e tal, o homem falou que nós não colhíamos o arroz. E nós fomos para lá. Então tinha..., a turma da segurança lá, tinha onze pessoas. Tudo armado. Os pontos chaves, eu fiquei [.....] daqui para lá para ver como que estava. Quando foi nove e meia da manhã, aparece um jipe com o delegado e o sargento. Chegou lá, me chamou. Eu andava armado, não podia andar desarmado, mas eu escondia a arma, sabe? Aí, quando eu vi que era o delegado, me falaram que era o delegado, peguei, deixei a carabina lá e fui. Chegou e falou: Christovam, o homem chegou lá e tal, e falou para a gente chegar num acordo, o que você acha? Eu falei: qual é o acordo? Eu vou fazer o seguinte, você autoriza o Joaquim a entregar o arroz dele, a parte litigiosa, então, fica melhor para nós e tal. Eu falei: uai, que..., para mim está tudo bom. Mas você fala? Eu falei, não, eu falo,

não, tem que resolver por escrito, porque nós estamos aqui para garantir eLE. Então mandei chamar o Joaquim, o Joaquim chegou e pediu opinião: o que você acha? O arroz dele era muito, eram 60 alqueires. Eu falei: Joaquim, é o que nós já conversamos, o arroz é seu, você está livre para você entregar, se quiser. Se não quiser, o seu arroz vai para casa, que nós vamos levar o seu arroz. O delegado falou: Você vê, eu não vim com a polícia, pedi para o sargento vir à paisana. Falei: doutor, o senhor, o senhor não veio com a polícia, porque o senhor não tem polícia. E não tinha mesmo, não é? Então, o senhor trouxe o sargento, para o senhor não chegar..., como é que fala? ... Como se tivesse querendo intimidar e tal. O negócio do senhor, a tática do senhor é essa. Mas tudo bem. O que você acha? Falou: você me dá opinião. Eu falei: não, não dou opinião, que negócio é essa. Não, então nós vamos levar. Então tá, tá conversado. O arroz dele vai para casa. Ele falou: você que sabe. Eu falei: eu fui lá na delegacia ontem, o senhor falou que só entrava quando tivesse sangue, não teve ainda, não. Não sei por que o senhor está aí. Me deu [...] e foi embora. Depois foi para lá o doutor Francisco...

EB: E aí, esse arroz foi de fato para a casa do...

CM: Foi.

EB: Do..., desse Joaquim.

CM: Do Joaquim.

EB: E aí todo mundo ajudou a recolher e levar. E aí, ninguém tomou nenhuma medida.

CM: Tentaram. Tentaram tomar no caminho, tentaram tomar na casa dele, mas não conseguiram.

EB: E como é que eles tentaram isso?

CM: Uai, foi o Levi com a polícia. A polícia só fica lá para não deixar ele [.....] tira aí. Você tira? Não, não posso tirar. Então, o que você veio fazer? Vai embora. Saía desmoralizado, não é? Mas nesse dia do delegado, eles quiseram entrar lá o doutor Francisco, que era o médico, casado com a sobrinha desse fazendeiro, estava lá a mulher dele, tinha dois jagunços, estavam lá [.....].../

**FIM DO LADO B DA FITA 2**

- A**
- ameaça, 21, 24, 25  
arroz, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27
- B**
- Banhado, 19
- C**
- cartório, 13  
católico, 10  
comitê de defesa, 26  
comunismo, 4  
comunista, 3, 4, 10, 11  
comunistas, 3, 8  
contratos, 2  
CPI, 18
- D**
- delegado, 22, 24, 26, 27
- E**
- economia agropecuária, 14  
escrituras, 18
- F**
- fazendas, 15  
fazendeiros, 17, 20, 24, 25  
FETAEMG, 9, 10, 16
- G**
- golpe de 64, 6, 9, 13  
governo João Goulart, 8
- I**
- Invasão, 17
- J**
- justiça, 20, 21, 22
- L**
- latifundiário, 10, 14
- M**
- medo, 18, 20, 21, 25  
mortes, 22  
movimento, 2, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17
- P**
- padre, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12  
padre Lage, 9, 10, 11  
pântano, 12, 13, 15, 18, 19, 21, 22, 23, 24  
partido, 4, 5, 6, 7, 8, 10  
Partido, 26  
PC, 10, 11  
PCB, 4  
Pium-í, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 23, 25  
pressão, 25  
proprietários, 16, 17, 18, 21, 25  
PSD, 13, 14  
PT, 11
- S**
- Sérgio Firmino, 3  
sindicato, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 18, 19, 20,  
21, 22, 26  
SUPRA, 11, 12
- T**
- terra, 17, 18, 19, 22
- U**
- UDN, 13